

# Fim do ano na literatura

Domingo  
24/12/86

Um Ano Novo vai nascer na próxima quinta-feira sobre a morte de 1986. Aconteceu muita coisa boa... e também má, má mesmo, porque, de resto, tinha de haver as duas facetas da mesma moeda para que se possa distinguir uma da outra.

As coisas acontecem nas coisas, na literatura por exemplo.

Armando Artur



Espelho dos Dias

Não é fácil fazer uma retrospectiva literária em Moçambique, mas é possível dizer, neste texto, que a produção de literatura foi um facto encorajador ao longo do ano que finda.

Trata-se de uma verdade sublime quando confrontada com as dificuldades — umas acumuladas e outras nascendo do saco fértil que as primeiras encheram — com que se debate o sector.

Vamos aos factos. Este ano encerra com a publicação do livro de poesia «Espelho dos Dias», de Armando Artur, o número cinco da colecção Início, que também já publicou em 1986 «N'homulo», de Filipe Mata, o «Musongi», de Bento

Sitoe.

Repare-se no facto de os autores destas obras serem todos jovens e, à excepção de Bento Sitoe, terem-se estreado em livro com a publicação dos títulos citados. Deve-se acrescentar que o interesse do público por obras de jovens escritores moçambicanos é deveras estimulante. A adaptação ao teatro — com perspectivas de as coisas irem parar ao cinema — de «N'homulo» constitui um exemplo eloquente.

São deste ano as «Vozes anotecidas» do escritor Mia Couto. Uma «porposta» séria de prosa esta obra da colecção Timbila, cujo autor é também poeta com um livro de poesia já publicado.

Uma novidade «nova» para os amantes da literatura foi o lançamento de «Limani», uma revista de linguística e literatura do Departamento de Letras Modernas da UEM. De carácter científico a publicação, semestral, «é um espaço de produção cuja palavra de ordem é produzir e cultivar» — conforme diz logo no início a respectiva nota prévia.

Os criadores da revista dizem que «Limani» é uma expressão «bantua» — que significa «Cultivai», traduzida para português — remetida para o sentido de cultura.

Se nos esquecéssemos de registar o segundo Curso de Literatura Moçambicana, realizado de Julho a Agosto pela AEMO, não teria cabimento este apontamento, já por si incompleto e superficial em termos de importantes realizações literárias ocorridas no País em 1986.

Caracterizado por sessões de reflexão e debate, este curso terminou com uma interessante discussão sobre a «nacionalidade

literária». Tema extremamente delicado e polémico este, cuja discussão não pode continuar eternamente adiada.

A projecção da literatura feita em Moçambique no exterior foi igualmente um facto notável. Exemplo disso, entre outros, foi a notícia segundo a qual seis escritores moçambicanos estarão



representados numa colectânea de 25 contos de autores africanos, a ser publicada em língua polaca, na Polónia. Os escritores são João Dias, Luís Bernardino Honwana, Orlando Mendes, Carneiro Gonçalves, Mia Couto e Tomás Vimaró.

Mas o maior orgulho da literatura africana, em 1986, que levanta, portanto, também o peito dos moçambicanos, foi a conquista do Prémio Nobel pelo escritor nigeriano Wole Soyinka, o primeiro a cometer tal proeza em toda a África. «Sinto-me honrado, mas trata-se de um sucesso colectivo de todos os escritores africanos» — declarou Soyinka numa ocasião.